

Literatura negra trançando memórias: o passado africano nas tradições orais brasileiras

Memories tranquando in black literature: the African past in brazilian oral traditions

Joelia de Jesus Santos*
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Roberto Henrique Seidel*
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

97

RESUMO: O presente trabalho discute sobre a memória ancestral na literatura negra brasileira, com o objetivo de identificar em que medida as tradições orais podem ajudar os escritores negros a reescrever a história dos afrodescendentes, a partir de elementos históricos oriundos das culturas populares. Com base em A. Hampaté Bâ (2010), bem como em Eric Hobsbawm (1997), a presente pesquisa faz uma reflexão sobre a importância das tradições orais para a manutenção da memória coletiva, para a preservação da cultura. Compreendida aqui segundo a concepção de Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva enquanto conceito teórico é mobilizada com o intuito de evidenciar a relação entre memória, literatura e tradição oral. Pois, conforme destacou Paul Thompson (1992), a fonte oral permite revelar as verdades ocultas ao descolar as camadas da memória. Espera-se com esse estudo, mostrar que muito do que se conhece hoje sobre a presença africana no Brasil, decorre das culturas orais. Vanda Machado (2006) não nos deixa mentir, segundo ela, nos provérbios e ditados, nas cantigas folclóricas e festas populares, as marcas de africanidades ressaem, pois, tendo uma cultura de gênese na oralidade, os africanos aqui aportados, transmitiram os saberes d'África por meio de expressões outras senão a escrita. Sendo assim, para os escritores negros, tanto os documentos oficiais quanto a cultura popular, constituem uma importante fonte de pesquisa no tangente a reconstrução da memória ancestral do povo negro no Brasil.

* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra. Tradições orais. Memória ancestral.

ABSTRACT: This paper discusses ancestral memory in Brazilian black literature, with the aim of identifying the extent to which oral traditions can help black writers to rewrite the history of African descent, based on historical elements from popular cultures. Based on A. Hampaté Bâ (2010), as well as Eric Hobsbawm (1997), this research reflects on the importance of oral traditions for the maintenance of collective memory, for the preservation of culture. Understood here according to the conception of Maurice Halbwahcs (1990), collective memory as a theoretical concept is mobilized in order to highlight the relationship between memory, literature and oral tradition. For, as pointed out by Paul Thompson (1992), the oral source allows to reveal hidden truths by taking off the layers of memory. Vanda Machado (2006) does not allow us to lie, according to her, in proverbs and sayings, in folk songs and popular festivals, the marks of Africanities resonate, because, having a culture of genesis in orality, the Africans brought here, transmitted the knowledge d 'Africa through expressions other than writing. Thus, for black writers, both official documents and popular culture constitute an important source of research on the reconstruction of the ancestral memory of black people in Brazil.

KEYWORDS: Black literature. Oral traditions. Ancestral memory.

Introdução

A literatura negra por ser um discurso construído na diáspora emana ancestralidade, como pode-se notar na escrita de Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e Geni Guimarães. Por isso a memória é tema recorrente nos escritos de escritoras negras e escritores negros dispostos a mudar a imagem estereotipada que se tem da história e cultura dos afro-brasileiros. Através da linguagem literária, as lembranças de quem durante séculos fora submetido ao esquecimento dado o interesse das classes dominantes, de acordo com Jaques Le Goff (1990), de tornarem-se senhores da memória e do esquecimento, passam a ser registradas de modo a permitir a construção identitária de sujeitos, até então sem conhecimento suficiente de seu próprio passado.

Recompondo as memórias fragmentadas na diáspora, os afrodescendentes reescrevem a sua própria história, de maneira a confrontar as narrativas de outrem sobre si. Posto que, consoante Amanda Ferreira (2012), é pela memória que o homem atualiza impressões ou informações passadas e consegue compor

ou recompor a sua história. Mais que isso, em sociedades marcadas pela oralidade, a memória é um importante instrumento de afirmação identitária.

Nessa perspectiva, este trabalho objetiva mostrar que a literatura negra opera no sentido de preservar a memória ancestral presente, sobretudo, na cultura popular. Para tanto, há neste trabalho referência a obras importantes como, *Ponciá Vicêncio* (2003), *A cor da ternura* (1998), *Um defeito de cor* (2006), e outras que comprovam esse caráter memorialístico da literatura de autoria negra, e ressalta como a textualidade afro-feminina ressignifica as memórias dos povos africanos trazidos para o Brasil.

Portanto, trata-se de uma pesquisa que visa discutir a presença das memórias ancestrais africanas na literatura negra brasileira, de modo a refletir a respeito das culturas orais a partir de uma perspectiva não folclorizada. Uma vez que, o presente estudo se propõe analisar como a oralidade e memória coletiva se inserem na produção literária negro-brasileira.

1 Literatura negra *versus* afro-brasileira: discutindo os conceitos

As expressões “literatura negra”, literatura afro-brasileira ainda suscitam debates quanto a sua utilização. Para alguns críticos de literatura e até mesmo escritores que se assumem negros, tais expressões acabam rotulando e aprisionando a produção literária. Outros, no entanto, contrário a esse posicionamento, consideram que essas expressões permitem destacar os sentidos ocultados pela generalização do termo literatura. Consoante Nazareth Fonseca (2006), quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão literatura branca pelo fato de a tradição literária do país contar com a presença quase exclusiva de autores euro-descendentes.

E não só isso, de acordo com Djamila Ribeiro (2017), a maneira como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas não se percebam como marcadas e sejam consideradas representantes

de uma coletividade. Assim, persistem na ideia de que são universais e falam por todos, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais, destituídos de uma identidade política.

A necessidade de denominar a produção literária dos afrodescendentes de negra ou afro-brasileira deve-se justamente ao fato de esta vertente literária apresentar um sujeito do discurso diferenciado. Além disso, os textos escritos pelos sujeitos excluídos do universo literário hegemônico apresentam singularidades pontuais em se tratando de representações, subjetividades, portanto, trata-se de um segmento literário que se afirma pela diferença. Nesse sentido:

[...] a denominação “literatura negra”, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Já a expressão “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização (FONSECA, 2006, p. 23-24)

Com base nesse excerto, nota-se que denominar a produção literária dos afrodescendentes de “negra” ou afro-brasileira é uma escolha ideológica. Eduardo de Assis Duarte (2010), por exemplo, acredita que a expressão “literatura negra” enfraquece e limita a eficácia do conceito enquanto operador teórico e crítico. Para esse autor, a palavra “negro” também interfere, pois carrega em quase todas as línguas faladas do ocidente marcas de negatividade, de inferioridade. Para ele, o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao processo de mescla cultural e miscigenação desde a chegada dos primeiros africanos, sendo por esta razão que prefere empregá-lo.

Eduardo de Assis Duarte (2010) considera o conceito de *literatura afro-brasileira* uma formulação mais elástica, na medida em que abarca tanto assunção explícita de um sujeito étnico, quanto o dissimulado lugar de

enunciação de escritores menos afeitos às discussões étnico-raciais. Segundo o referido autor, é um “operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária” (DUARTE, 2010, p. 121).

O escritor Luiz Silva (Cuti), por outro lado, defende que denominar a produção literária negro-brasileira de afro, significa projetá-la à origem continental de seus autores, e atribuir-lhe uma desqualificação com base no viés de hierarquização das culturas. Para esse autor, a expressão *afro-brasileira* induz ao discreto retorno à África, resultando em um afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para fazer da vertente literária negra um mero apêndice da literatura africana. No seu ponto de vista, “atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria o efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última” (SILVA, 2010, p. 36).

Luiz Silva (Cuti), ao contrário de Eduardo de Assis Duarte, pensa que sendo o racismo o ponto nevrálgico da sociedade brasileira, a palavra “negro” melhor caracteriza a produção literária de autores(as) afrodescendentes. Isso porque, enquanto o emprego do vocábulo “negro” remete à reivindicação diante da existência do racismo, a semântica da expressão “afro-brasileiro” remete ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência dos negros brasileiros.

Concordando com Luiz Silva, a literatura negro-brasileira nasce na e da população negra constituída na diáspora, e como traz em si as experiências diaspóricas dos brasileiros descendentes de africanos, adjetiva-la com a palavra “negra” tem sido uma forma de esvaziar o sentido negativo atrelado à palavra negro. Por esta e outras razões, neste trabalho optamos por empregar a expressão *literatura negra* em referência à produção literária de escritores(as) que escrevem com fim de contestar a branco-normatividade no universo literário.

2 As memórias ancestrais na literatura negra brasileira

Um homem sem memória é um sujeito sem passado, assim ficam os portadores de Alzheimer ao perder a capacidade de lembrar e atualizar impressões ou informações passadas, e assim esteve por muito tempo a população negra brasileira. Forçados constantemente a negar a si, a odiar a cultura de seus ancestrais, a aculturar-se na tentativa de ser aceito ou tolerado, os afro-brasileiros são um dos poucos grupos étnicos que desconhece as tradições de seus antepassados. Esse desconhecimento é que torna possível a existência de negros sem etnicidade, expressão cunhada por Lívio Sansone (2003) para representar a complexidade de se construir uma identidade étnica entre os afro-brasileiros.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2005), utiliza-se o conceito de etnia para se referir ao pertencimento ancestral étnico/racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade. Uma etnia é composta por pessoas conscientes de terem origem e interesses comuns, e que estejam unidas por experiências compartilhadas. Ou seja, trata-se de um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições etc. Contudo, os afro-brasileiros embora sejam identificados como um grupo étnico, devido à diluição de suas memórias, são destituídos de etnicidade, pois não compartilham nenhum desses marcadores, estão unidos quase que exclusivamente em função do fenótipo. Consoante Maurice Halbwahcs (1990), um homem para evocar o seu próprio passado, precisa frequentemente fazer apelo às lembranças do outro, na medida em que, estando ele inserido em um grupo nacional, a sua memória se constitui, em parte, de acontecimentos vivenciados por outros. Ou seja, leva consigo uma bagagem de lembranças históricas com as quais se identifica, mas não lhe pertence. São essas memórias que a literatura negra brasileira se propõe valorizar, especialmente aquelas cuja sociedade brasileira esforça-se

para esquecer, por contrapor o discurso da democracia racial forjada pelos intelectuais brasileiros.

Ainda conforme Maurice Halbwahcs, não existe memória universal, para ele “toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo” (1990, p. 85). Pois, segundo Pollak (1989), as memórias coletivas reforçam sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes. Portanto, a universalidade é tão somente uma forma de negar as diferenças pontuais, assim como a democracia racial é um modo de negar o racismo à brasileira, na medida em que, conforme demonstrou Kabengele Munanga (1999) a mestiçagem não foi resultado de relações raciais harmônicas, resulta da estratégia política da elite brasileira para atingir o seu plano de embranquecimento.

Quando os portugueses invadiram o Brasil para dominar os nativos e buscaram diluir a memória dos indígenas, de modo a forçá-los a esquecer suas tradições imemoriais, eles almejavam enfraquecer a coletividade. De maneira semelhante procederam em África, os africanos raptados para a escravidão, antes de serem embarcados rumo às Américas, eram obrigados a passar pela “árvore do esquecimento” a fim de que não se lembrassem mais de suas origens, de sua história, de sua identidade. Na verdade, conforme Florentina Souza:

A história das culturas afrodescendentes é tradicionalmente marcada por embates e discussões que envolvem reflexões sobre a temática da memória, da história, da identidade e das *performances*. Este debate tem seus marcos originais na história do tráfico e na existência de um ritual que envolvia circular em torno da “árvore do esquecimento” para garantir imunidade ao “banzo” e, principalmente, o apagamento dos nomes e das tradições culturais daqueles que seriam embarcados à força para diáspora. Assim, as várias tradições culturais africanas da diáspora sempre lidaram com esforços individuais e coletivos de guarda e preservação, reconstituição e reorganização de pedaços, narrativas, cânticos e *performances*, tecidos e traços, plantas e costumes entre outras bagagens que, junto com os corpos e almas, atravessaram o Atlântico (SOUZA, 2007, p. 30-31).

Durante a travessia transatlântica, na tentativa de apagar a memória dos africanos traficados, os colonizadores portugueses adotaram inúmeras estratégias capazes de assegurar o seu domínio não somente sobre o corpo, mas também sobre o modo de vida dos escravizados. Desta maneira, impunha a ferro e fogo a cosmogonia do ocidente, antes para controlar as mentes de homens e mulheres sujeitos aos desígnios de sádicos cristãos. Segundo Jaques Le Goff, “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (1990, p. 368), afinal, sem memória histórica os grupos dominados estariam mais suscetíveis à colonização.

Essa preocupação com a memória individual e coletiva dos oprimidos deve-se à presunção de superioridade dos opressores, cujo projeto de poder visava e ainda visa subjugar o diferente até que o convença de sua inferioridade. Fazer com que os dominados quanto menos se identifiquem consigo mesmos, é uma forma de levá-los a adotar passivamente uma cultura que nada diz sobre o seu passado, apenas revela o nível de alienação a que foram submetidos. Desta maneira os escravagistas conseguiram negar às culturas negras nas Américas, vilipendiar as memórias ancestrais de todo um povo ensinado a odiar seus semelhantes e amar seus algozes.

Mas, apesar do controle sobre seus corpos e suas memórias, os africanos e descendentes encontraram formas de manter viva a cultura de seu povo. Mesclando os costumes tradicionais de África aos costumes europeus impostos, eles inventaram novas tradições que guardam o passado histórico daqueles, cuja história antecede à escravidão. Sendo passível a adaptações, tal e qual evidenciou Eric Hobsbawm (1984), velhos costumes podem ao invés de desaparecer, adquirir novos elementos e com isso se perpetuar sem perder a sua essência. As culturas negras no Brasil, resultam desta capacidade das tradições de se adequarem aos contextos sociais e políticos diversos.

Consoante Jacques d'Adesky (2011), os negros perderam a memória de seu passado e quase não possuem heróis, isso explica por que poucas são as famílias negras que conhecem figuras importantes de origem afro-brasileira. Em virtude disso, no século XX, intelectuais e ativistas negros passaram a assumir o poder de enunciação e se “reapropriaram do discurso, da imagem dos negros e de sua memória” (D'ADESKY, 2011, p.104). Puderam, enfim, reinterpretar fatos históricos buscando criar uma identidade coletiva, livre das injunções da cultura dominante.

Nesse sentido, pensar em memória afro-brasileira requer compreender o processo de resistência à negação das tradições africanas no Brasil, as quais se encontram fora dos registros nacionais e as escritoras negras e os escritores negros buscam visibilizar em seus textos literários. A literatura negra tem, entre seus objetivos, trazer à lume a memória do povo negro escravizado por meio da revisão da história, na tentativa de recuperar parte do passado ancestral dos negros na diáspora. Na verdade, entende-se que a literatura negra:

é um projeto literário que tem traços distintivos de representações, discursos e narratividades comprometidos com desmobilizações de identidades negras imutáveis e pouco relacionais e de desfigurações de atributos negativos de suas memórias ancestrais e referências culturais (SILVA, 2010, p. 96).

Como os *griots*, a literatura negra se incumbem de preservar e transmitir as memórias coletivas que conectam os afro-brasileiros ao continente africano, por isso é frequente nos textos de autoria negra, a referência a elementos culturais oriundos de África. Há por parte da literatura negra, esse desejo de fazer emergir as memórias esquecidas pelo processo de aculturação forçada pela qual passaram os africanos. Escritoras negras e escritores negros apropriam-se da linguagem literária para trazer à cena outras versões da história, confrontar as representações hegemônicas.

Na literatura negra percebe-se um apelo à memória diaspórica, por nesta conter resquícios da memória ancestral que tanto se empenha para recompor. Tem sido através das tradições inventadas pelos afrodescendentes com o propósito de salvaguardar a essência de costumes africanos, que a literatura negra reinventa a memória do povo negro. A literatura negra é o lugar da memória ancestral, porque ela se volta para o passado a fim de melhor entender o presente, mais que isso, é feita de memórias.

Lendo as produções literárias negras nota-se esse caráter memorialístico. No romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis e no livro de poemas intitulado *Primeiras Trovas Burlescas*, de Luiz Gama, ambos publicados em 1859, as lembranças dos escravizados fazem-se presentes na narrativa de uma maneira bastante peculiar, uma vez que, esses escritores destoando das representações hegemônicas, buscaram mostrar as memórias negligenciadas pelo sistema escravagista.

Na obra *A cor da ternura* (1998), de Geni Guimarães, a narrativa se desenrola em torno da memória da protagonista Geni, que depois de adulta revisita o seu passado e através dele traz à tona as memórias da escravização a partir das histórias de Nhá Rosália, e de sua própria experiência de ser negra neste país de mentalidade escravocrata. De modo semelhante, Conceição Evaristo recorreu ao passado escravo da população negra, para melhor elucidar o porquê os afrodescendentes tiveram um destino de pobreza.

Em seu romance *Ponciá Vicêncio*, Evaristo tece um enredo entrelaçado de memórias traumáticas, as quais resultam na “loucura” da protagonista Ponciá. Articulando passado e presente, a autora crítica o processo de abolição da escravatura demonstrando que da maneira como aconteceu, manteve a relação de dependência de outrora. Abandonados à própria sorte, restaram aos afrodescendentes a força de trabalho, a subserviência do pai de Ponciá, evidente neste excerto:

Filho de ex-escravo, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares, de trabalho? (EVARISTO, 2003, p. 14).

Embora livres das correntes, de acordo constata-se nesse trecho do romance, a liberdade não veio com a lei Áurea. Senão, como inquiriu Ponciá, seu pai e muitas outras famílias negras teriam conseguido superar as mazelas da escravidão. Os resquícios do sistema escravagista estão presentes na vida dos afro-brasileiros, presos na memória de quem recebeu de herança, em vez de terras, o passado ancestral inscrito tanto no corpo, quanto na psiquê. Evaristo, com todo seu potencial criativo, deu corpo a uma narrativa memorialística de significativa importância para construção de uma memória nacional heterogênea.

Outra escritora que enveredou pelas tessituras da memória foi Ana Maria Gonçalves, em sua obra *Um defeito de cor*. Neste romance publicado em 2006, a autora dá novos contornos à história de desencontro entre Luiza Mahin e seu filho Luiz Gama. Na sua trama, Gonçalves consegue retratar toda a trajetória de Luiza Mahin, desde os seus primeiros anos de vida em África, até a sua captura e retorno a sua terra de origem. Trata-se de uma obra importante sobre o período escravista no Brasil, que além de reconstruir ficcionalmente os passos de duas figuras lendárias do país, consegue navegar entre o passado e o presente de modo a trazer as recordações da protagonista.

Então, tal e qual pôde-se constatar, na literatura negra se encontra a memória ancestral de parte da população brasileira, que não se vê representada nem incluída de maneira positiva na memória nacional. Trata-se de um tipo de escrita que se propõe a costurar as histórias fragmentadas dos antepassados

oriundos de África, não só para possibilitar a construção identitária de sujeitos desmemoriados, mas também manter um elo com os antepassados presentes no recôndito da memória.

3 Ressignificando as memórias: poéticas subversivas

A literatura negra passeia pelos becos da memória, se inscreve na ancestralidade perdida em séculos de niilismo das tradições negras na diáspora. Os escritores desta vertente literária se engajam para rastrear as lembranças mais longínquas que foram e continuam invisibilizadas na historiografia hegemônica, com o intuito de construir uma teia de informações capaz de conduzir os afrodescendentes à própria origem.

De acordo com Zilá Bernd (2012), a principal característica do fazer poético das autoras negras contemporâneas tem sido rastrear os “guardados da memória”, mas não só isso, seus textos são compromissados com a construção identitária baseada na procura das origens e com o resgate da memória transatlântica. A escrita afro-feminina é marcada pelo tom subversivo da linguagem, propositalmente utilizada com vistas à resignificação das memórias atribuídas ao povo negro. Por sua vez, “a literatura afro-feminina tem vieses memorialistas, em que as lembranças se tornam memórias, caracterizando-a como autoficção” (SANTIAGO, 2012, p. 27).

Nos textos literários de autoria negra, a subserviência atrelada à memória do negro escravo sempre passivo à espera da benevolência divina, dá lugar a resistência ao sistema de dominação no plano simbólico e político. Por esta razão, figuras lendárias como Luiza Mahin, Zumbi dos Palmares, Aqualtune e várias outras personagens históricas representativas, aparecem na literatura negra para contrapor a imagem deturpada que se tem a respeito da presença africana no Brasil.

A poética negra contemporânea, paralelo à denúncia social, busca reconstruir a memória diaspórica do povo negro, dando visibilidade aos símbolos da luta negra, que na historiografia hegemônica não tiveram espaço. No poema *A natureza do verbo*, de Ana Fátima dos Santos, além da poeta fazer referência ao quilombo, um exemplo da resistência africana ao sistema escravocrata - Zumbi e Dandara - lideranças na luta contra a escravidão geralmente lembrados apenas no dia 20 de novembro, são imortalizados nestes versos:

Ah! Ser Quilombo de Palavras...
É vibrar quilombos de sonhos,
Anseios,
Quilombo de encontros e memórias.
Quilombo em pretumes, anunciando
Com espada em punho:
Dandara e Zumbi estão em terra! (SANTOS, 2016, p. 39.)

Ressignificando o sentido de quilombo, a poeta Ana Fátima dos Santos evidencia em seus versos, um tipo de insurgência que se dá a partir das palavras. Uma vez que, os quilombos outrora assentados em meio às matas, hoje se fazem presentes no campo simbólico, pois o espaço literário também é lugar de disputas, de enfrentamentos. Nesse sentido, Dandara e Zumbi estão em terra, porque estes são aqueles que hoje se opõem ao sistema opressor vigente através da linguagem poética.

Há na literatura negra um desejo de reescrever o passado, com o propósito de descobrir nas malhas do tempo as verdades não reveladas para quem sempre fora impedido de falar de si e por si. É sabido que o subalterno pode falar, pois conforme demonstrou Spivak (2010) o problema do subalterno era ser falado por outrem. A literatura hegemônica, por exemplo, desde sempre monopolizou as narrativas sobre o negro e a sua cultura, não porque os afrodescendentes fossem incapazes de auto-representar-se, mas porque outros se sentiam no direito de falar por eles. Ultimamente, autoras como Jocélia Fonseca vêm rompendo com esse paternalismo ocidental, dando prova de que podem e querem se apresentar.

No poema “*Enegre-essência*” (2016), Jocélia Fonseca intercambiando presente, passado e futuro consegue problematizar a negação da história do povo negro e as consequências disto para os sujeitos de fenótipos negroides. Os versos: “Visto-me de amanhã/porque meu ontem fugiu/e sei o quanto o presente me enegrece”, revelam o quanto a busca pelo passado é representativa para as escritoras negras, que sendo parte da parcela desmemoriada, tem a necessidade de se conceber enquanto sujeito histórico.

As escritoras negras se empenham para reconstruir o passado afro-brasileiro e assim corrigir erros acerca da participação africana na constituição do Brasil. Mais que isso, elas se propõem a valorizar a memória ancestral não europeia, que muito diz sobre a configuração social da sociedade brasileira, mas é relegada ao segundo plano. Portanto, os versos subversivos das poetisas negras cumprem o papel de fazer emergir narrativas que contraponham a história única contada nas historiografias oficiais.

4 Cultura popular e literatura: diálogos possíveis

A cultura negra constituída na diáspora, assim como a história africana, tem suas raízes na oralidade. Por isso, a tradição oral é importante para que se consiga penetrar a história e o espírito dos povos africanos, que de boca a ouvido transmitiram às futuras gerações conhecimentos de toda ordem. Embora se tenha uma compreensão limitada sobre as tradições culturais de África, conforme Hampate Bâ (2010), a tradição oral africana não se limita a histórias e lendas, nem tem os *griots* como os únicos guardiães e transmissores qualificados, está para além disso.

Na tradição oral africana todos os aspectos da vida se relacionam, o espiritual e material não estão dissociados. Tradição oral é ao “mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, divertimento e recreação (HAMPATE BÂ, 2010, p. 169). Portanto, a cultura africana e consequentemente

as culturas afro-brasileiras possuem forte ligação com o comportamento cotidiano do homem, enquanto ser político e social. Talvez isso explique o porquê no Brasil, quando se trata de cultura negra, as pessoas se atêm à capoeira, à comida, à música e a religiosidade.

Consoante Jovino (2006), a tradição cultural dos povos africanos trazidos ao Brasil tem a oralidade como uma das formas de linguagem” (p. 200), diz-se de uma cultura cuja força de expressão está na palavra, na memória. Por isso, as religiões afro-brasileiras ainda transmitem seus ensinamentos oralmente, incumbem os anciãos de guardar os segredos. Por ter esse caráter oral, memorialístico, a cultura negra faz parte do cotidiano das pessoas, pois:

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo (EVARISTO, 2009, p. 19).

Tendo originado da tradição oral africana, as culturas negras no Brasil se encontram vivas na memória popular, visto que, a memória não separa o presente do passado, ela “assume a condição de representações coletivas, trazendo no seu contexto a história de um povo” (MACHADO, 2006, p. 81). As congadas brasileiras, por exemplo, revelam como o povo banto, um dos grupos étnicos escravizados aqui, se organizavam politicamente. Também permitem compreender as estratégias adotadas pelos escravizados para a preservação de práticas culturais importantes do continente africano.

Como os escravizados não podiam escrever, e eram impedidos de manter a própria cultura livremente, foi através da oralidade que eles conseguiram manifestar a herança cultural do seu povo e criar festas populares, nas quais inscreviam as suas memórias. A partir das fontes orais, tem sido possível desvelar as verdades ocultas no sincretismo forçado entre as diversas culturas existentes no Brasil. As fontes orais têm permitido, sobretudo, mostrar o quanto a perspicácia dos africanos, permite-nos hoje, tomar conhecimento de

tradições antigas do continente africano que foram adaptadas à moda brasileira.

O universo cultural d'África está presente na cultura brasileira, e se ainda existe foi porque as tradições africanas ganharam nova roupagem e puderam se perpetuar por meio da oralidade. Logo, percebe-se que a comunicação das culturas orais mantém um processo inter-dinâmico tão importante quanto a tradição escrita. Apenas trata-se de modalidades distintas, com particularidades próprias. A escrita não pode sobrepor a oralidade, uma deve complementar a outra e assim findar a mentalidade colonizada que leva as pessoas a minimizarem a importância de tradições orais oriundas de povos considerados ágrafos.

Apesar de ainda haver muito preconceito em relação à tradição oral, de acordo Machado (2006), nos últimos anos vários são os escritores dedicados ao registro de contos e práticas culturais, visando preservar patrimônios imateriais do país. Os autores e autoras da literatura negra, também vêm procurando registrar elementos das tradições orais em suas produções literárias, a fim de salvaguardar a história e cultura dos afrodescendentes, para que não se perca ao longo do tempo com novos métodos de apagamento das memórias ancestrais dos grupos oprimidos.

Fazer o registro de palavras em línguas africanas, destacar histórias de reis e rainhas negras durante o período escravocrata, ou exaltar manifestações artístico-culturais como a congada, é uma forma de contestar por meio da literatura, a ideia de que os africanos não possuíam história nem passado, conforme fez-se acreditar os colonizadores e escravistas. Coube o duplo papel a literatura negra, de construir destruindo as representações estereotipadas das culturas consideradas “menor”.

A literatura negra, por razões identitária e política, tem como principal vértice a cultura africana, portanto se constrói a partir da cultura popular, uma vez

que, as memórias sobre as quais se debruça, estão alicerçadas nas tradições orais. Em vista disso, podemos afirmar, que a literatura readapta as narrativas orais transformando-as em textos ficcionais de expressão escrita. Semelhante aos irmãos Grimm, os escritores negros e escritoras negras põem em circulação as histórias populares dantes contadas por guardiães da memória.

De acordo estudo de Edil Costa (2015), as narrativas tradicionais não morrem, elas são adaptáveis as mudanças da sociedade, por isso é necessário entender que o livro é apenas mais um dentre os vários suportes para transmitir a memória ancestral. Nesse sentido, a literatura é em igual medida, mais um instrumento capaz de imortalizar as memórias do povo negro. Ainda “quando morre um velho é como se uma biblioteca inteira fosse incendiada (Hampâtê Ba), mas sem dúvidas, a literatura passou a funcionar como uma espécie de cópia das memórias sujeitas a se perder.

Conclusão

Conforme constatou-se, as tradições orais brasileiras ajudam a elucidar a história dos afrodescendentes, permitem melhor compreender como as culturas africanas vão ganhar nuances de afro-brasilidade. Por esse motivo, foi e continua sendo uma importante ferramenta de preservação das memórias ancestrais dos povos originários da diáspora africana.

Entendendo a importância das tradições orais no processo de preservação e manutenção de aspectos culturais oriundos de África, os autores negros e autoras negras buscam transpor as memórias ancestrais dos afro-brasileiros do contexto da oralidade para a literatura. Por isso, autoras como Geni Guimarães, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo, dentre outras, conferem aos seus escritos um caráter memorialístico.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a literatura negra se constitui de memórias coletivas, forja-se a partir das culturas oralitizadas, dado o seu interesse de compor narrativas ficcionais que contrastem as narrativas hegemônicas sobre a presença africana no Brasil.

Referências

BÁ, A. Hampaté. A tradição viva. KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010.

BERND, Zilá. Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.40, p. 29-42, jul./dez. 2012.

COSTA, Edil Silva. Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras. *Sentidos da Cultura*, Belém-PA, ano 2, n. 2, p. 05-21, jan-jun. 2015.

D'ADESKY, Jacques. Do direito à palavra ao poder de enunciação do movimento negro no Brasil. *Nguzu - Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos (NEAA)*, Londrina, n. 1, p. 94-105, março/julho de 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FERREIRA, Amanda Crispim. Recordar é preciso”: considerações sobre a figura do griot e a importância de suas narrativas na formação da memória coletiva afro-brasileira. *Em Tese*, Belo Horizonte, v.18, n. 2, 2012.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. P. 09-38

FONSECA, Jocélia. Enegre-essência. In: BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.). *Cadernos Negros, volume 39: poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2016.

- GAMA, Luís. *Primeiras Trovas Burlescas*. São Paulo: Editora Três, 1974.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.
- GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. 2 ed. São Paulo: FTD, 1998.
- HALBWAHCS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.
- JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. P. 77-112
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, p. 3-15, 1989.
- REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis: Editoras Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017
- SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Trad. Vera Ribeiro. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias e escritoras negras*. Cruz das Almas- BA: UFRB, 2012.

SANTOS, Ana Fátima. A natureza do verbo In: BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.). *Cadernos Negros, volume 39: poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2016.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*. n. 18, p. 91-102, dez/2010.

SILVA, Luiz (Cuti). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SOUZA, Florentina. Memória e *performance* nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.

Recebido em: 30 de julho de 2019.
Aprovado em: 01 de dezembro de 2019.